

“DESAFIOS DO CLASSIFICADOR X ATLETAS, TÉCNICO E DIRIGENTE”

Autor : Roberto Ramos ; Associação Desportiva de Vagos - ADVAGOS

Resumo

O basquetebol em cadeira de rodas foi desenvolvido para indivíduos que apresentavam lesões medulares, completas ou incompletas, em Stoke Mandeville, Inglaterra, por volta de 1940. A primeira classificação utilizada na prática desta desporto teve origem na avaliação médica, sistema que foi incapaz de agrupar os vários tipos de deficiência segundo a funcionalidade. No entanto, à medida que os indivíduos comprometidos por outro tipo de deficiência física começaram a participar desta modalidade, tornou-se necessário criar critérios que permitissem a participação de todos, independentemente do tipo de lesão e do nível de comprometimento que apresentassem. Assim, qualquer indivíduo que apresentar comprometimento nas pernas ou na parte inferior do corpo, estando desse modo impossibilitado de praticar basquetebol convencional, ou seja, o mesmo encontra-se impossibilitado de realizar os movimentos utilizados no basquetebol do andante como correr, saltar, driblar, disputar rebote e girar, será considerado elegível em função de uma lesão neurológica, ortopédica e/ou muscular. Após muita polémica em torno da classificação funcional, em função da utilização de sistemas que continuavam apresentando falhas no seu processo de avaliação, sendo considerados por muitos atletas como sistemas injustos que acabavam por prejudicá-los. O professor de educação física, Horst Strohkendl, natural da Alemanha, elaborou um sistema de classificação com a colaboração de ex-atletas e médicos, que consistia na categorização básica da funcionalidade do atleta nos planos transversal, sagital, frontal, ao executar os movimentos básicos do basqu como impulsionar e frear a cadeira, controlar a bola, driblar, passar, receber, arremessar, fintar e disputar rebote. Sendo assim, é possível identificar o volume de ação do atleta. O novo sistema dividia os atletas em quatro classes sendo classes 1.0, 2.0, 3.0 , 4.0 e 4.5. Como forma de solucionar o problema do “borderline”, com base no volume de ação do atleta foi introduzido 0.5 ponto a cada classe, surgindo assim mais três classes, 1.5, 2.5, 3.5. ficando assim: 1.0, 1.5, 2.0, 2.5, 3.0, 3.5, 4.0, 4,5. A soma dos 5 jogadores em quadra limitada a 14.0 pontos. Na verdade, é um desafio para atletas, técnicos e dirigentes a classificação funcional de uma dada modalidade. O desafio do classificador é diante de um carácter duvidoso de uma determinada classificação dada a um atleta, trazer luz para que este possa entender os motivos que o elegem a uma determinada classe ou até mesmo se o atleta é elegível ou não.

PALAVRAS-CHAVE:

Basquetebol em Cadeira de Rodas; Desafio; Classificação